

## **Saberes escolares, iconografia histórica e narrativas nas escritas dos vestibulandos**

Silvia Maria Amâncio Rachi Vartuli\*

### **Resumo**

O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado, na linha de pesquisa "ensino de história", realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que busca evidenciar como os alunos concluintes da educação básica elaboram narrativas acerca das representações construídas, que circulam nos diferentes espaços sociais, sobre um personagem da história do Brasil. Além disso, visa compreender as interpretações elaboradas sobre os conhecimentos históricos durante o processo de educação escolar, especialmente no que tange à construção de uma "memória histórica oficial". Escolhemos como fontes de pesquisa as respostas dadas à questão da prova de história da segunda etapa do vestibular da UFMG, a qual apresenta reproduções de duas representações iconográficas do personagem Tiradentes.

**Palavras-chave:** Vestibular; Ensino de história; Iconografia.

Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado desenvolvida entre os anos de 2004 a 2006, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho apresentou como objeto de pesquisa as interpretações dos vestibulandos acerca das representações relativas ao personagem histórico Tiradentes circulantes nos espaços extra-escolares – as quais são divulgadas pelas mais diferentes linguagens – e seus entrelaçamentos com os saberes históricos escolares.

Elegemos como fontes principais de investigação as respostas dadas à prova de história da 2ª etapa do vestibular da UFMG (vestibular 2006). Selecionamos para nossa análise a questão nº 02 (anexo 1) a qual apresenta, em sua primeira parte, duas

---

\* Doutoranda em História da Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

reproduções de obras iconográficas relativas ao personagem histórico Tiradentes: a primeira do pintor José Washt Rodrigues, denominada *Alferes Joaquim José da Silva Xavier* e a segunda do pintor Pedro Américo, intitulada *Tiradentes Esquartejado*. Na segunda parte, a questão solicita uma explicação do porquê Tiradentes fora escolhido como símbolo do regime republicano.

Dessa forma, o exercício de uma análise textual – acerca das compreensões e interpretações – desenvolvidas pelos vestibulandos, em torno da simbologia relativa ao personagem histórico, tornou-se o núcleo desse trabalho.

Para tanto, as análises foram sustentadas teoricamente por conceitos e perspectivas analíticas trabalhadas pela Nova História Cultural, tais como imaginário social, representações, apropriações e práticas culturais. Do ponto de vista metodológico, criamos dois grupos de categorias referentes às duas imagens de Tiradentes que foram definidas a partir da identificação dos campos de nucleação que compõem a escrita dos vestibulandos. Com relação à pintura de Pedro Américo, *Tiradentes esquartejado*, estabelecemos as categorias: fragmentos de histórias contadas; demonstrações de poder da Coroa Portuguesa; sacralização de Tiradentes/ imagens da morte mística. Já em relação à pintura de Washt definimos: o herói popular; imagens da ordem e do progresso: o real sem retoques; Tiradentes militar e combatente: representações da ordem e do progresso; a iconografia como um retrato real.

O artigo visa mostrar, assim, alguns resultados da investigação que apontam entrelaçamentos entre o conhecimento histórico escolar/curricular e as versões da história circulantes no cotidiano em diferentes espaços sociais, expressas por múltiplas linguagens, em especial, a iconográfica. Atualmente temas, fenômenos e personagens da história são difundidos pelo cinema, pela televisão e por revistas de grande circulação. Neste sentido, é importante frisar que a história aprendida e apreendida pelos sujeitos cotidianamente não é proveniente apenas do espaço escolar, o que contribui para a construção de múltiplas representações acerca dos processos e agentes históricos.

As referências teórico-metodológicas permitiram-nos construir uma rede teórica que foi utilizada para compreendermos as representações, apropriações e circulação do conhecimento histórico, bem como nos auxiliaram na leitura, análise e interpretação das fontes.

No decorrer da pesquisa, caracterizamos, de forma geral, o contexto sociocultural em que os candidatos do vestibular encontram-se. Essa caracterização, realizada a partir dos dados coletados no questionário sociocultural respondido pelos

vestibulandos, possibilitou-nos a visualização de elementos indicativos das inserções sociais desses sujeitos.

Além de nos pautarmos nas referências teóricas sobre imaginário social e representações, utilizamos, igualmente, autores que estudam as representações e apropriações deste conhecimento histórico específico – Inconfidência Mineira e Tiradentes – e suas articulações com o imaginário social.

Com base em tais referências, abordamos o universo iconográfico, as imagens, como fontes documentais, concebendo-as não apenas como ilustrações ou apoio aos documentos escritos, mas, sobretudo, como objetos mediadores da cultura, portadores de significações, pertencentes à esfera do simbólico, ou seja, tal qual um emblema que presentifica e personaliza um conjunto social e que pertence ao imaginário, mobiliza representações e sintetiza valores.

Essa perspectiva possibilita pensar e investigar o lugar e o papel de determinados hábitos, formas de ver e/ou viver em um tempo. Vistas sob esse prisma, as imagens, enquanto documento-fonte para o professor de história, revelam um caráter subjetivo, discursivo, sendo concebidas como indícios, fragmentos da realidade. Assim, trata-se de problematizar as imagens como signos e as bases intertextuais da sua produção de sentido.

Ao analisarmos as respostas dadas à questão do vestibular, foi possível abordar as imagens de acordo com a perspectiva acima referida, pois se trata de uma questão interpretativa e discursiva, dividida em duas partes, que busca trabalhar habilidades diferentes do raciocínio histórico.

Para efeito de demonstração e concretização dos significados das categorias criadas para análise da referida questão, tornou-se necessário coletar, junto ao material sistematizado, frases/trechos mais expressivos, que pudessem nos informar os conteúdos históricos e imaginários, acionados por cada vestibulando em suas narrativas escritas, com o objetivo de conferirmos sustentação empírica à categorização.

Parece-nos que narrativas escritas, que trazem embutidas conteúdos históricos, têm origem nos livros didáticos e mesmo no programa do vestibular da UFMG, em especial, o tópico sobre o Antigo Sistema Colonial, bem como parece emergir de uma memória – acerca do movimento da Inconfidência Mineira – divulgada e propagada por uma História Tradicional, muitas vezes expressa por diferentes matrizes sociais. Além dessa suposta origem dos conteúdos históricos, consideramos como elementos

importantes as maneiras pelas quais ocorreram tais apropriações e as diversas nuances presentes nos imaginários.

Apesar do enunciado da questão referir-se ao momento da produção das representações pictóricas (final do Século XIX e início de Século XX), é interessante perceber que muitos vestibulandos confundem os períodos históricos, pois não conseguem distinguir o contexto em que ocorre a execução de Tiradentes do momento da elaboração da obra de Pedro Américo. Isso nos sugere que esses candidatos abordam a pintura como um flagrante ou uma retratação do destino imposto ao alferes. Sendo assim, conceberam a imagem construída não como uma dimensão da memória – uma construção portadora de visões e intenções, elaborada em um outro tempo, diferente daquele em que Tiradentes viveu – mas como uma retratação de um momento do passado, como captura e narração de um acontecimento “real”, pois dão a entender que a pintura representa tudo aquilo que teria acontecido, como podemos constatar nas escritas selecionadas abaixo. A essa categoria de respostas denominamos: “Sacralização de Tiradentes: imagens da morte mística.”

O herói é comparado a Cristo por tentar salvar o Brasil e devido a sua aparência física [...] Pedro Américo retrata Tiradentes bem semelhante a Jesus Cristo, retrata Tiradentes como herói, como o Cristo, salvador religioso. Essa pintura foi possível pois Tiradentes assemelhava-se fisicamente a Jesus por causa da barba e dos cabelos longos. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

A primeira imagem, de Tiradentes esquartejado, retrata a forma como ele foi punido, mas **mostra sua real aparência semelhante à de Cristo**, fato confirmado pela presença de uma cruz, com o objetivo de mostrá-lo como mártir. **Ele teria se sacrificado por uma causa, a República, assim como Cristo.** (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

[...] na primeira pintura, com a presença da cruz, **há uma identificação com Jesus**. O inconfidente **assim como Cristo, morreu pela causa, por isso foi possível tal retratação**. A iluminação e a posição da cabeça também reforçam o caráter de santificação da obra. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Na primeira representação há a **tentativa da aproximação da figura de Tiradentes à Cristo**. Essa comparação foi possível devido a alguns fatos comuns de cada história como o fato de ambos os movimentos serem separatistas, **Tiradentes assim como Cristo**, também foi traído, por um dos seus aliados, além do que os dois foram julgados e condenados a morte. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

As categorias de análise histórica ficam de fora dessas narrativas, as mudanças, permanências, regularidades, grupos sociais, ideologias existentes em conflitos, enfim, através das narrativas dos vestibulandos é impossível enquadrar historicamente o

personagem Tiradentes. Esse se encontra, contraditoriamente, no centro do acontecimento Inconfidência Mineira, mas, por outro lado, fica de fora das malhas de acontecimentos. A ênfase no caráter humanitário de Tiradentes sem contextualizar a sua existência social expressa uma visão acrítica da História, eleva o personagem como a pessoa que se sobrepõe aos demais e descarta a preocupação com a apreensão da realidade sócio-histórica, suas mudanças, transformações. A presença hegemônica da figura heróica nas narrativas dos candidatos abole e desconsidera que a reflexão histórica deveria estar na apresentação e análise dos mecanismos da sociedade, das formas de organização social, dos padrões culturais, da organização política e econômica.

Acreditamos que alguns vestibulandos expressem a associação entre a figura do alferes e a imagem de Cristo muito mais por a possuírem como algo já internalizado, pois suas respostas revelaram, muitas vezes, uma confusão no que respeita a temporalidades distintas, isto é, nos textos dos candidatos o momento de confecção da obra *Tiradentes esquartejado*, no contexto de implantação da República, confunde-se com o período relativo ao evento da Inconfidência Mineira. Além disso, de acordo com algumas respostas, Tiradentes foi associado a Cristo, pelo pintor Pedro Américo, por efetivamente se parecer com o Cristo, tanto na fisionomia quanto nas ações. Abaixo, apresentamos passagens que demonstram essa ideia:

O herói é **comparado a Cristo por tentar salvar o Brasil e devido a sua aparência Física** [...] Pedro Américo **retrata Tiradentes bem semelhante a Jesus Cristo**, retrata Tiradentes como herói, como o Cristo, salvador religioso. **Essa pintura foi possível pois Tiradentes assemelhava-se fisicamente a Jesus por causa da barba e dos cabelos longos.** (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

[...] A primeira imagem, de Tiradentes esquartejado, retrata a forma como ele foi punido, mas **mostra sua real aparência semelhante à de Cristo**, fato confirmado pela presença de uma cruz, com o objetivo de mostrá-lo como mártir. **Ele teria se sacrificado por uma causa, a República, assim como Cristo.** (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

[...] na primeira pintura, com a presença da cruz, **há uma identificação com Jesus**. O inconfidente **assim como Cristo, morreu pela causa, por isso foi possível tal retratação**. A iluminação e a posição da cabeça também reforçam o caráter de santificação da obra. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Na primeira representação há a **tentativa da aproximação da figura de Tiradentes à Cristo**. **Essa comparação foi possível devido a alguns fatos comuns de cada história** como o fato de ambos os movimentos serem separatistas, **Tiradentes assim como Cristo**, também foi traído, por um dos seus aliados, além do que os dois foram julgados e condenados a morte. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Na construção do artista Pedro Américo, o crucifixo se faz presente e significa a cruz, o Cristo, sem substituí-lo. Contudo, a cruz é um fragmento dele, Cristo. Ele não precisa estar presente. É o Cristo que se significa na cruz e não o inverso. Porém, ali estão os fragmentos de um corpo esquartejado, sendo que a cabeça continua com visibilidade explícita. Tal simbologia sugere-nos que, mesmo não “visível”, o Cristo está inteiramente presente nesse objeto construído enquanto imagem criada pelo artista.

Nos trechos que citamos, os vestibulandos oferecem-nos pequenos vestígios da circulação de imagens, de ideias e representações que se fizeram e se fazem recorrentes em termos de uma história didatizada pela escola, constituindo-se e materializando-se como indícios de uma permanente construção dessa forma de contar a história da nação. Processo que traduz idéias, símbolos, uma simbologia que, pela imagem criada, transforma-se em uma representação de algo concreto, de um acontecimento que, efetivamente, ocorreu. Sendo a representação do artista, ela aparece como referida ao dado concreto: o esquartejamento.

Há, ainda, nas escritas dos vestibulandos elementos que apresentam indícios de idéias cristalizadas no imaginário social, na medida em que associam o traje da vestimenta (farda) às ideias de organização, disciplina e desenvolvimento. Muito embora a imagem 2 não seja recorrente nos manuais didáticos assim como a imagem 1, esse tipo de percepção, ao que nos parece, foi construída a partir de atribuições veiculadas à noção do corpo militarizado. As respostas que remetem à essa ideia estão agrupadas nas categorias “Tiradentes militar e combatente” e “ Representações da ordem e do progresso”, como podemos constatar pelos exemplos:

A imagem feita por José Washt Rodrigues mostrou um **homem forte, guerreiro**, representado pela **espada** [...]. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Já o segundo quadro o retrata como alferes, **transmitindo uma atitude, determinação e disposição para a luta, imagem ativa** que a espada ajuda a compor. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

[...] já a pintura de José Rodrigues passa a imagem de **um herói lutador**, sendo pintado como tal. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

[...] o **homem do povo** é substituído por um **bem comportado alferes** no quadro de José Washt Rodrigues. Tiradentes é retratado não como um mártir esquartejado, e sim, **como um homem civilizado, bem aos moldes do lema ordem e progresso** dos militares que lutaram pela república [...]. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Ao buscar ressaltar os diferentes significados atribuídos à pintura de Washt em relação à obra de Pedro Américo, um agrupamento de interpretações constrói uma espécie de corpo militarizado, disciplinado, centrado e unitário, digamos, um corpo íntegro, em oposição à imagem 1, de Pedro Américo, que revela um corpo dilacerado, fragilizado.

Nesse primeiro tipo de interpretação acerca da imagem 2, encontramos alguns indícios de determinado estilo proposto por Fonseca ao estudar os três estilos de tratamento do tema Tiradentes visto pela imprensa. Referimos-nos ao segundo tipo de texto, denominado pela autora, como Romanesco. De acordo com Fonseca (2002):

O segundo tipo de texto, aqui chamado de Romanesco construía sobre as versões historiográficas existentes, situações idealizadas envolvendo Tiradentes, nas quais suas qualidades excepcionais eram agigantadas, reforçando sua condição de herói. [...] A abordagem romântica também ancorava-se fortemente no caráter humanitário de Tiradentes, descrito como um indivíduo acima dos demais [...]. (FONSECA, 2002, p. 448-450).

Notamos que as adjetivações utilizadas traduzem olhares antagônicos, movidos pela forma como Washt imaginou Tiradentes. Por um lado, na obra de Pedro Américo, o esartejamento do corpo e a fragmentação das dores da mutilação são associadas aos gestos das ações rebeldes, às aspirações das classes populares, das quais Tiradentes fazia parte como um simples alferes, um cavaliço. Porém, grandioso, não tão eloquente como os poetas, chama a atenção não somente nas narrativas dos vestibulandos, mas nas páginas da maioria dos livros didáticos de História, a forte predominância da ação individual de Tiradentes no âmbito do movimento da Inconfidência Mineira. Isto é, há uma predominância do personagem, uma identificação exacerbada do alferes, que o coloca como tendo sido um único sujeito histórico no processo do movimento da Inconfidência Mineira.

Ao analisarmos as interpretações constantes na categoria denominada “A iconografia como um retrato do real”, reunimos 64 respostas que apresentam argumentações no sentido de destacarem a veracidade da obra do artista José Washt Rodrigues. Mesmo contendo um número bem menos expressivo de respostas, consideramos significativo criar esta categoria, uma vez que os vestibulandos contrapõem as duas imagens na intenção de desconstruir a visão sacralizadora do alferes. Para tanto, buscam elementos que possam justificar a ideia de que uma imagem é mais verdadeira do que a outra.

[...] no segundo (quadro), o artista ressalta o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, **a pessoa** de Tiradentes, um dos líderes da Inconfidência Mineira [...]. [...] esse parece ser um **autor mais cético** e com uma **visão mais fria** dos acontecimentos [...]. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

[...] A segunda representação **mostra não o tratamento mítico mas o homem**, Joaquim José, o alferes, fardado e vivo. Talvez a intenção do autor tenha sido a de reforçar a **contribuição humana no processo histórico** e não uma visão divinizada. Lembrando-nos que ele era um militar de baixa patente. **Esta representação tornasse condizente com o mundo atual**. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

José Washt, em contraposição, **faz um retrato fiel à realidade** [...]. A expressão como se estivesse o tempo todo pensando e imaginando o futuro com armas prontas para lutar. **Esta denota uma figura viva, mais real, sem exaltação ou heroísmo**. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Podemos verificar que, mesmo ao problematizarem a idealização presente na primeira imagem, o fazem a partir da convicção de que o segundo artista retratou o personagem Tiradentes como na realidade ou, pelo menos, mais próximo dela.

Já o segundo quadro de José Washt **retrata um Tiradentes não-messiânico, simples alferes, cidadão comum**, que entre os envolvidos na Inconfidência Mineira, era o que não pertencia à elite e que, portanto, foi escolhido para servir de exemplo, sendo executado [...] **o segundo quadro, é uma leitura menos mítica e mais realista**. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Já a representação de Washt Rodrigues **não retrata o heróico salvador** Joaquim José da Silva Xavier, **mas sim o alferes** [...] com uma feição, vestes e porte bem **próximos ao real, sem exagerar como o anterior**. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Já o segundo quadro, mostra o Joaquim José da Silva Xavier, **o homem não o mito**, que lutou pela Inconfidência Mineira [...]. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Percebemos nas narrativas que constituem esta categoria a busca permanente por excluir a dimensão heróico-mística e evidenciar a estatura humana do personagem Tiradentes: “um guerreiro, um homem comum e não uma figura sagrada”, “uma representação mais condizente com a investigação histórica [...] [uma] maneira desapaixonada de produzir a imagem do alferes [...]”, “[...] um ar comum [...] sua simplicidade e semelhança com qualquer homem [...]”.

Já a obra de José Washt Rodrigues, traz a figura do Alferes Joaquim da Silva Xavier na forma de um guerreiro, **que é um homem, comum e não uma figura sagrada**. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

A representação de José Washt Rodrigues, procurava **ser mais condizente com a investigação histórica** acerca da Inconfidência Mineira, tentando, de maneira desapaixonada, reproduzir **a verdadeira imagem do alferes do século XVIII**. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

[...] a representação do Museu Histórico Nacional **aproxima a imagem de Tiradentes a imagem de uma pessoa normal** [...]. Já Washt procura ressaltar [...] **o lado humano de Tiradentes** ao invés do lado quase divino[...]. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

A obra de José Washt Rodrigues **objetiva ser uma obra realista**, enquanto mostra Tiradentes militar exemplar, com o quepe na mão, saudando aqueles a quem serve, e com a outra mão na espada, pronto para usá-la, se necessário. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Já no quadro **Alferes Joaquim José da Silva Xavier** o autor retrata Tiradentes, posado, vestido à caráter do seu cargo de Alferes, **como um ser humano normal longe de qualquer esfera divina**. Um homem tão capaz quanto nós. (VESTIBULANDOS, 2006 – grifos do autor).

Se, por um lado, há essa visão de que o quadro de Washt representa o “retrato do real”, por outro, ao estabelecer uma comparação com o quadro de Pedro Américo, *Tiradentes Esquartejado*, os vestibulandos colocam em jogo, em dúvida, a representação “divinizada”, “sacralizada” e “mística”, contrapondo-a e apresentando uma outra perspectiva de humanização do personagem Tiradentes. Porém, nessa operação intelectualizada, a concepção de História que transparece, ao que tudo indica, vem fortalecer o papel do documento na reflexão histórica, no caso, a pintura histórica como tendo o valor de prova. Os vestibulandos parecem crer que o documento iconográfico fala por si mesmo, como defende e afirma a Escola Positivista em fins do Século XIX. Para essa perspectiva historiográfica, o registro privilegiado era o documento oficial. Uma pintura histórica, como vimos anteriormente, é uma produção artística, intelectual, plena de intencionalidades, valores ideológicos e políticos, articuladas ao poder político.

Tanto nas narrativas dos vestibulandos quanto nos cânones do Positivismo, o documento oficial ou encampado pelo oficialismo assumia o peso de prova histórica, o que dá a impressão de inexistência de intencionalidade nas produções iconográficas e/ou escritas. Por isso, o caminho mais direto a que se busca levar essa perspectiva historiográfica é fazer confundir o documento, no caso, iconográfico, com o real e, no mesmo jogo de ilusões, transformar o documento iconográfico em conhecimento histórico.

Evidentemente que não estamos, com isso, buscando fazer crer e mesmo construir ilações acerca da consciência dos vestibulandos em fazer uso desse viés positivista, presente, ainda hoje, no ensino da História escolarizada. Parece-nos que algumas experiências escolares dos vestibulandos, em termos do ensino de História por eles vivenciado, organizaram uma forma de pensar a História como algo desconectado

de uma conjuntura. Ao construírem suas argumentações, a grande maioria desses candidatos deixou de lado os nexos com as circunstâncias históricas que deram origem aos fatos históricos e construíram traduções mentais a partir de uma realidade imaginada, exterior ao contexto histórico que lhe confere sentido.

De forma geral, os vestibulandos discorreram discursivamente sobre as imagens de Tiradentes, exaltadoras e grandiloquentes, guiados por representações e pela apropriação de símbolos construídos historicamente, em torno da figura do inconfidente, explicitando-as a partir de certos referenciais da história oficial, combinados com pontos de vista que expressam o senso comum e, ainda, com orientações que remetem a uma problematização da memória construída em relação à imagem do alferes.

Nessa perspectiva, é que consideramos as interpretações construídas, a partir de todas as formas de saber acima referidas, como elementos proporcionadores de ricos debates em torno das práticas pedagógicas e de suas potencialidades no tocante ao desenvolvimento do raciocínio histórico. É preciso que a escola incorpore em seu cotidiano, cada vez mais, as reflexões referentes aos saberes que se expressam por meio de diferentes linguagens e que circulam em múltiplos espaços sociais, conferindo à História diferentes usos sociais e interpretações.

Visões e versões consagradas por uma historiografia, genericamente denominada tradicional, apresentaram-se nas narrativas desses candidatos. Porém, em um número expressivo de casos, conseguimos identificar reflexões em perfeita sintonia com as mais recentes discussões historiográficas.

Acreditamos que, por se tratar de escritas de alunos, conforme já exposto, passaram por toda a Educação Básica essas revelam outros saberes relativos aos conteúdos históricos, os quais, muitas vezes, penetram o espaço escolar materializando-se em múltiplas linguagens, expressas seja por reproduções de pinturas em livros didáticos, seja pela exibição de filmes, documentários, seja ainda por obras literárias ou pertencentes ao universo musical.

Assim, ao pensarmos o papel dessas diferentes linguagens, isto é, as funções que desempenham nos processos de ensino-aprendizagem, buscamos compreender uma parte de nós mesmos. Como educadores, extraímos de nossas reflexões pistas para que possamos aprimorar nossa prática docente, articulando-a, sempre, com uma melhor compreensão dos significados dos fenômenos históricos em suas múltiplas formas de expressão.

## School knowledge, historical iconography and narratives in the writings of high school students

### Abstract

This article is part of a dissertation master's in line to search "history education" held at the University of Education, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Seeks to show how students graduating from basic education elaborate narratives about the representations made, and which move in different social spaces, about a character in the history of Brazil. In addition, it seeks to understand the interpretations elaborated on the historical knowledge during the process of education, especially regarding the construction of an official historical memory. We chose as sources of research the answers to the question of evidence of the history of the second stage of university entrance examination, for UFMG, which features reproductions of two iconic representations of the character Tiradentes.

**Key words:** Test; Teaching history; Iconography.

### Referências

- ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura).
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. **Antropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BURKER, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2001.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Cia. de Letras, 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, v. 7, n.13, p. 100-113, 1994a.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary Del Priore. Brasília: Ed. UnB, 1994b.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **Da infâmia ao altar da pátria**: memória e representações da Inconfidência e de Tiradentes. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. A Inconfidência Mineira e Tiradentes vistos pela Imprensa: a vitalização dos mitos (1930-1960). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 439-462, 2002.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História e ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e; SIMAN, Lana Mara de Castro (Org.). **Inaugurando a história e construindo a nação**: discursos e imagens no ensino de história. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Marcos A. Pintura histórica: do museu à sala de aula. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 20 (Sentidos da Comemoração), p. 253-267, abr. 2000.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Pintando o descobrimento: o ensino de história e o imaginário de adolescentes. In: FONSECA, Thaís Nívia de Lima e; SIMAN, Lana Mara de Castro (Org.). **Inaugurando a história e construindo a nação**: discursos e imagens no ensino de história. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 149-170.

SIMAN, Lana Mara de Castro. A temporalidade história como categoria central do pensamento histórico: desafios para o ensino e a aprendizagem. In: SABONGI, Vera Lúcia; ZAMBONI, Ernesta (Org.). **Quanto tempo o tempo tem!** Campinas: Alínea, 2003. p. 109-143

ZAMBONI, Ernesta. Representações e linguagens no ensino de história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 36, 1998.

## Anexo 1

### Questão 02

A imagem do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, tem sido objeto de polêmicas acirradas. No contexto da Implantação da República, na passagem do séc. XIX para o XX, a figura do infidente mineiro foi apropriada com o propósito de servir como herói e símbolo do novo regime. Como consequência, Tiradentes foi retratado por numerosos artistas, que o representaram segundo sua própria imaginação e de acordo com alguns indícios históricos. Em cada representação determinadas características são ressaltadas de modo a associar alguns indícios históricos. Em cada representação, determinadas características são ressaltadas, de modo a associar a figura do personagem a valores que o artista deseja realçar.

"Tiradentes esquartejado",  
Pedro Américo,  
Museu Mariano Procópio.



"Alferes  
Joaquim José  
da Silva Xavier",  
José Walsht  
Rodrigues,  
Museu Histórico  
Nacional.



1. INTERPRETE essas representações, ressaltando os diferentes significados que elas atribuem à imagem do Tiradentes.
2. EXPLIQUE por que, entre os diversos protagonistas da Inconfidência Mineira, Tiradentes foi escolhido para personificar o herói da República."